

RESENHA

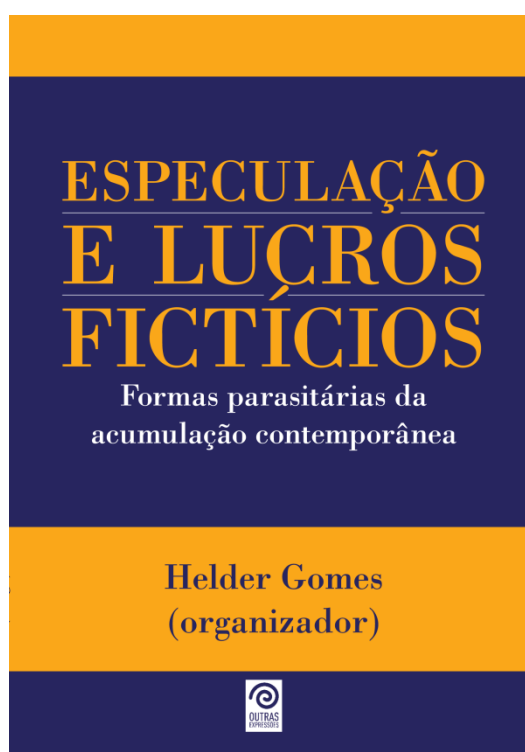
**Especulação e lucros fictícios: formas parasitárias
da acumulação contemporânea**

Speculation and fictitious profits: parasitic forms of modern-day accumulation

Pedro Rozales R. DOMINCZAK¹

RESENHA/ BOOK REVIEW

GOMES, Helder (Org.). **Especulação e lucros fictícios**: formas parasitárias da acumulação contemporânea. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 298 p.



¹ Doutorando em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). E-mail: <pedro_los@yahoo.com.br>.

O tema da presente coletânea de artigos organizada pelo economista Helder Gomes que o selo Outras Expressões da editora Expressão Popular trouxe ao público neste segundo trimestre de 2015 é, como o próprio nome já indica, a especulação (capitalista) e as presentes formas de acumulação fictícias e parasitárias de capital.

Gomes, além de organizar a coletânea, assina a "Introdução", o "Epílogo" e o último dos artigos, este, em conjunto com o professor Paulo Nakatani, intitulado "A Natureza e as contradições da crise capitalista". A leitura da "Introdução", antes do estudo dos capítulos é de fundamental importância, pois ela faz conhecer ao leitor o trajeto teórico iniciado pelos pesquisadores em questão. Ali é possível ter um primeiro contato com o objeto que atravessa todos os textos reunidos: a financeirização e, em particular, com a chave explicativa encontrada pelos pesquisadores para desvendar este objeto: o capital fictício. Como os pesquisadores chegaram até este conceito que, como sabemos, tem apenas um desenvolvimento inicial em Marx? Quais os caminhos percorridos? Por que o retorno a este conceito marxista?

Estas questões são respondidas na "Introdução" que situa o leitor em uma rápida história do pensamento – se é que podemos utilizar este termo – acerca desta "escola teórica" que, desde a década de 1990 tem trabalhado desde a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mas que têm recebido importantes colaboradores de outras Universidades e países, como no caso desta coletânea, onde um dos artigos é

assinado pelo conhecido pesquisador francês: François Chesnais.

Nos trabalhos reunidos existe um aprofundamento não apenas da categoria capital fictício, mas também o desenvolvimento de ideias novas e originais, tais como os "lucros fictícios" e o "capital especulativo parasitário".

Já na abertura da coletânea, no belo "Prefácio" do professor Rémy Herrera, pesquisador do Centro de Economia da Sorbonne, Universidade Paris 1 (Paris, França), temos a indicação de que, na atualidade, vivemos uma crise do capital, "em sua totalidade" e que, "Não se trata de uma crise habitual e passageira de liquidez ou de crédito pela qual o sistema se reorganizaria para recomeçar a funcionar "normalmente" [...]. A crise atual é mundializada, global, sistêmica; ultrapassa todas as crises internacionais do passado, em 1857 em 1907-1908 e mais ainda em 1929 e na década de 1930." (GOMES, 2015, p. 8). Ou seja, estaríamos diante da maior crise da história! Assim, buscar saídas internas à lógica de acumulação capitalista não mais resolveriam os problemas geradas por essa mesma lógica, como ocorrera no passado.

Desta forma, para Herrera, o marxismo seria o "[...] quadro teórico mais útil à nossa disposição para esclarecer a amplitude das transformações atuais do declínio do capitalismo [...]." (GOMES, 2015, p. 9).

Contrariamente ao que "certo número" de economistas marxistas acreditava, "[...] o desenvolvimento do sistema de crédito permitiu ao capital se acumular sob formas

de capital-dinheiro que se revelam cada vez mais 'irreais'." (GOMES, 2015, p. 9).

Podemos destacar, neste sentido, três elementos principais para a comum análise, apresentada na obra, de que o capitalismo atravessa uma fase caracterizada pelo termo "financeirização". O primeiro deles seria a crise do final dos anos 1960 e a posterior quebra dos acordos de Bretton Woods, no início dos anos 1970. Estes dois acontecimentos podem ser "[...] concebidos como os marcos mais importantes da inflexão no áureo período da reconstrução após a Segunda Guerra Mundial" (GOMES, 2015, p. 16), período conhecido como o de um "crescimento estável e contínuo", e da edificação de um razoável "Estado de Bem Estar Social" – que, guardando diferenças de país para país – foi estruturado em boa parte da Europa ocidental, tendo seus fundamentos disseminados para outras regiões do planeta.

Depois destes marcos de "inflexão", passamos a conhecer um novo período. Aqui entra o segundo elemento: o da "captura das finanças públicas pela lógica da securitização e do endividamento externo". "Criava-se, desse modo, um círculo vicioso de especulação, alimentado de forma fictícia pelo endividamento das diversas nações do planeta e pelas mais variadas formas de emissão de títulos secundários e derivativos, afastando cada vez mais os preços dos papéis de qualquer lastro na produção de riquezas materiais." (GOMES, 2015, p. 17).

Por fim, o terceiro elemento, insere-se no terreno do pensamento. Inúmeras nomenclaturas passaram a designar a fase

na qual o capitalismo adentrava pós-década de 1980: "Ciranda financeira mundial", "Globalização financeira", "financeirização" e mesmo outras, tais como as recorrentes em trabalhos de pesquisadores franceses como o termo bastante utilizado: "mundialização".

É neste quadro que se inserem os presentes trabalhos. Em primeiro lugar, na tentativa de compreender quais as características centrais deste período marcado, ao menos teoricamente, por tantas diferenças de compreensão que, para além das diferenças nominais, encontra diferenças interpretativas que giram de um campo crítico, vinculando trabalhos marxistas, mas que encontra trabalhos que se aproximam de escolas de pensamento mais próximas de Keynes. Ou seja, um dos objetivos dos trabalhos reunidos aqui é fazer conhecer aos pesquisadores críticos os fundamentos por trás da dinâmica capitalista atual. Ou, em outras palavras, é munir os críticos do capitalismo com ferramentas teóricas sólidas.

Este primeiro esforço pode ser encontrado com maior clareza nos dois primeiros trabalhos: "O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização" – este, talvez, o mais emblemático dos trabalhos reunidos nesta coletânea –, dos professores Reinaldo Carcanholo e Paulo Nakatani. O segundo, intitulado, "O capital especulativo e a desmaterialização do dinheiro", assinado unicamente por Carcanholo.

Por fim, o importante trabalho assinado por Maurício Sabadini ao lado do seu antigo

professor Carcanholo: “Capital fictício e lucros fictícios”. Neste último trabalho encontramos um resgate da categoria capital fictício, a partir de Marx, além de uma didática explicação do que é o capital fictício, valendo-se de exemplos contemporâneos de onde podemos encontrá-lo na atualidade. Temos também uma explicação bastante plausível das “manifestações visíveis” desta forma de capital e de sua origem na realidade concreta. Vejamos, “Em resumo, o capital fictício tem como origem três fontes: a) a transformação em títulos negociáveis do capital ilusório, b) a duplicação aparente do valor do capital a juros (no caso das ações e dos títulos públicos) e c) a valorização especulativa dos diferentes ativos. Esse capital de três diferentes origens tem em comum o fato de que, ao mesmo tempo que é fictício, é real. É real do ponto de vista do ato individual e isolado, no dia a dia do mercado, quer dizer, do ponto de vista da aparência; é a dialética fictício/real [...]” (GOMES, 2015, p. 131-132). Porém, do ponto de vista da totalidade, é um capital fictício que absorve a produção de mais-valia produzida pelo capital produtivo não contribuindo, por sua vez, para a reprodução da mais-valia.

Além disso, neste trabalho, surgem ideias novas, tais como a dos lucros fictícios, e as variações de capital fictício, de tipo 1 e 2, sendo que o de tipo 2 seria ainda mais fictício que o de tipo 1, dando a entender, para o leitor mais atento, que pode existir bastante semelhança entre esta forma capital fictício e a forma de capital designada por especulativo parasitário, apresentada no primeiro dos trabalhos organizados nesta coletânea. Afinal de

contas, ambas as formas estão fundamentadas sobre a destruição de capital e de valor.

Em segundo lugar, busca-se também, nos trabalhos reunidos, traçar tendências sobre quais os limites possíveis para esta fase do capitalismo. Este, aliás, é o debate central dos dois artigos que fecham a coletânea: “O fim de um ciclo: alcance e curso da crise financeira”, de Chesnais e “A natureza e as contradições da crise capitalista”, de Nakatani e Gomes. Neste último, os autores indicam uma possível tendência, não tão otimista, para a saída da crise atual. “Trata-se de um momento particular, em que o valor expresso ficticiamente nas formas mais sofisticadas de especulação, de apostas sobre posições no futuro, entra em contradição com o conjunto das relações sociais de produção do presente. Por isso, esta crise, pela sua extensão, profundidade e duração, pode ser considerada como uma crise estrutural, cujas alternativas colocadas em prática indicam uma saída que poderá ser cada vez mais dolorosa para as classes trabalhadoras em escala mundial.” (GOMES, 2015, p. 248).

Neste último trabalho, um sujeito aparece, também, com bastante nitidez: o Estado. Os autores demonstram, neste trabalho, como a intervenção estatal já “restaurou” quase todos os estoques de capital fictício existente antes da crise de 2007.

Ou seja, na esteira dos desdobramentos das crises atuais pelas quais a economia mundial (e o conjunto do modo de produção capitalista) tem atravessado, a presente obra busca oferecer elementos mais precisos, sem, contudo, fechar as

possibilidades analíticas de onde estamos e, por quais rumos podemos caminhar. Como indica Herrera: “Para nós, economistas marxistas, os problemas teóricos e empíricos que acompanham o recurso à categoria de “capital fictício” tornam-se múltiplos e delicados, abrindo a evidência sobre um campo maior de futuras pesquisas.” (GOMES, 2015, p. 10). Pesquisas que devem contar, sem dúvida alguma, com um número cada vez maior de pesquisadores críticos, em diversas áreas, para dar continuidade ao esforço reunido nesta coletânea que, encontra nela, um instrumental necessário.